



Maria Teresa Palmela e Julieta Aurora Santos

Maria Teresa Palmela

«Em mim nasceu o teatro»

O Teatro Amador de Sines foi, a partir de 1940, o grande teatro popular de Sines. Maria Teresa Palmela, uma das suas estrelas, recorda-nos anos de amor à arte, trabalho árduo e a sua justa retribuição: casas cheias e o carinho do público.

Foram 50 anos de teatro. O meu António antes de falecer disse: “Como é que a gente fez 50 anos de teatro os dois?!” Fomos até hoje os amadores que duraram mais tempo no teatro.

Há 50 anos, eu tenho hoje 87 anos, entrei numa peça, a “Maldita Exposição”, no Cine Vasco da Gama (era o “Cine”). Fui muito aplaudida. O doutor Tavares, o senhor Higino Espada e esses ricos aí da terra e da Câmara foram ao camarim dar-me os parabéns. Chamavam-me a Palmelinha. “Palmelinha, tu tens que ir ao Parque Mayer ver a Mirita Casimiro”, disseram eles, para eu ver que era a Mirita Casimiro cá de Sines. Eles diziam que era bem feito (não sei se era), que tinha jeito para aquilo.

Queriam que eu fosse ao Parque Mayer assistir, mas eu tinha medo de me falarem em Lisboa. Lisboa?! Eu não vou a Lisboa, tenho medo de ir para aqueles lados. Era uma parva naquela altura, muito novinha. Nunca tinha visto teatro nenhum, era mesmo de mim, isto nasceu em mim. Em mim nasceu o teatro, porque eu não conhecia nada dos teatros de Lisboa, nunca vi, nunca fui lá ver os teatros deles. Quando comecei a entrar cá nos teatros o Alberto Oliveira lançou-me e queria era que eu seguisse teatro. Hoje até podia ser uma artista se tivesse acreditado no que eles me diziam. Mas aquilo nasceu comigo eu representava como estou falando, a mesma coisa.

O Teatro Amador de Sines

O meu filho também entrou no teatro. Depois faleceu e parámos 25 anos.

Quando veio o 25 de Abril, esta casa encheu-se de pessoas a pedir para a gente voltar a fazer teatro. O Teatro Amador não podia ficar esquecido, diziam eles. Passavam já tantos anos que o meu filho tinha falecido e eu era doida por teatro e comecei

com o meu marido a ensaiar. O meu marido ensaiava a parte declamada e eu a parte de bailados e revista.

Fui ao Parque Mayer alugar roupas - foi a maneira de eu ficar a conhecer aquilo tudo - mas ficava muito mais caro. Depois, arranjámos costureiras, comprávamos os tecidos e faziam-se cá as roupas. Também alugámos cenários, mas houve muita gente daí que fez cenários. Tínhamos vários cenários, bons, bonitos, com vistas da nossa terra. O Calinas também trabalhou muito com a gente. Trabalhávamos no Salão do Povo de dia e de noite, uns a pintar os cenários, outros os cortinados para o palco, e tínhamos as costureiras.

Dávamos os espectáculos no Salão do Povo e no Salão da Música. Eram casas e casas cheias de gente, sempre, sempre à pinha. Animava a terra. Eram números dedicados à terra, rábulas da terra, coisas que aconteciam na terra.

Fomos em digressão pelo Alentejo. Fomos à Vidigueira quando foi a festa do Vasco da Gama. Fomos muito bem recebidos, uma

categoria! Ao fim de uma semana, a Junta de Freguesia de cá recebeu uma carta pedindo para a gente voltar porque tinham ficado encantados com o nosso espectáculo. Tínhamos já uma fama que não queira saber. Éramos conhecidos no Alentejo todo.

Teatro dos ricos e teatro dos pobres

A nossa Banda da Música fez parte do teatro. Tocavam o Durval, o Bento, o Manel Ablum. Tínhamos uns quantos que tocavam só para o teatro. Depois de eles deixarem, veio o Campos das Ermidas tocar. Tocava órgão. A gente até comprou um órgão!

O Sr. Higino Espada e os outros todos tinham o teatro amador dos ricos de Sines e depois o nosso era o Amador de Sines, que saiu do Sport Lisboa e Sines. O meu António jogava lá à bola e a gente estava sempre lá nos bailes: da chita, do avental e da castanha assada. Eu perdi lá tantas noites a enfeitar a sala com colchas, coisas que a gente fazia antigamente! E aí é que a gente começou a ensaiar e depois seguimos para o Cine Vasco da Gama.

Eu agora já não me posso lembrar porque a minha idade já é muita. Já tenho quase 90 anos, mas ainda estou feita para ensaiar “Os Cravos Vermelhos” se elas quiserem.

A Maria Teresa Palmela foi sempre das alegrias de Sines! Tenho saudades desse tempo, ah pois tenho! E se o meu António ainda fosse vivo, mesmo com a nossa idade o teatro ainda não tinha acabado. Era o teatro que a malta gostava de ver, era o teatro de que eu gostava: teatro de revista.

Eu, Maria Teresa Palmela, tenho pena de terem acabado com o Teatro Amador de Sines.

Estou consolada porque acabei o teatro e toda a gente gostou dos espectáculos que a gente fez. Ainda há gente que se lembra. Às

vezes falam comigo: “Ai, Maria Teresa, nunca mais aparece uma Maria Teresa para fazer teatro, para fazer teatrinhos daqueles tão bons!” Era as casas esgotadas, sempre cheias! Não havia um bilhete, ficavam muitos na rua. Verdade! Eu digo por aí: “Que pena que eu tenho de ser velha!” Eu cá ia agora arranjar um grupo de teatro e ia ensaiar. Sou é muito velha, já não tenho idade para essas coisas. Não tenho cá o meu António. Se o tivesse, se calhar ainda andávamos na fandanga.

A partir de entrevista por Rui Santos em 10 de Janeiro de 2011

Nota prévia

O Teatro do Mar celebra 25 anos e esse é o pretexto para lembrar algumas figuras marcantes do teatro sineense, começando por essa figura impar que é Maria Teresa Palmela que, com o marido, António Amaral da Silva, animou o teatro amador durante meio século. Com eles vamos à descoberta de muitos outros nomes, desenrolando o fio da memória. Nesta nota de abertura fica uma especial homenagem àqueles que deram vida ao espectáculo: aos actores, músicos, escritores e compositores, directores e coreógrafos, pintores, costureiras e adrecistas e tantos outros que se mantiveram na sombra dos bastidores.

Manuel Coelho

O Presidente da Câmara
Manuel Coelho



Maria Teresa (à direita) nos seus primeiros tempos de teatro (anos 40)

Julieta Aurora Santos

25 anos de Teatro do Mar

O Teatro do Mar comemora o 25.º aniversário em 2011. Julieta Aurora Santos, directora e encenadora, recorda o seu percurso pessoal no teatro e o trajecto de uma companhia que partiu do teatro amador e chegou à internacionalização.

As raízes da paixão pelo teatro

A minha avó materna fugiu de Sines com um palhaço e viveu num circo durante muitos anos como partenaire do ilusionista. A minha mãe tinha 4 anos e depois da morte do pai foi para um colégio de freiras, onde fez teatro muitos anos e foi protagonista na maior parte das peças. O meu avô paterno era o ensaiador das marchas populares de Sines e a minha tia mais velha, a Maria Rosa, escrevia poesia e deixou muita coisa escrita. Tinha também uma tia-avó que aprendeu a ler sozinha com a “Crónica Feminina”. Era uma mulher que tinha muita curiosidade. Só via a RTP 2. Uma mulher analfabeta que só gostava de ver ópera e concertos de música clássica.

É engraçado que em criança nunca tinha pensado nisso. Mais tarde é que me vim a perguntar quais seriam os antecedentes que me teriam levado para este caminho.

Em criança, ainda na escola primária, mal a professora virava costas eu estava logo em cima do estrado e fazia uma espécie de encenação de anedotas para os meus colegas. Adorava vê-los a rir. No ciclo, lembro-me também que me juntava a um grupo de colegas e fazia umas coreografias. Quando havia um evento da escola tinha sempre qualquer coisa preparada.

Logo no pós-25 de Abril - devia ter os meus dez, onze anos - surgiram “Os Pirati-



Julieta Aurora na estreia do Teatro do Mar (1986)

nhas de Sines”, com a D. Conceição, que queria fazer teatro com crianças. Ela escrevia muita coisa e havia alguns textos curtos que eram textos de intervenção, outros não. Ela fazia também uma recolha da poesia portuguesa, com a qual tive logo um contacto muito jovem, e fazíamos recitais de poesia encenados.

Embora fôssemos um grupo infantil, fizemos uma série de espectáculos nas cooperativas. Íamos apanhar batatas durante a manhã e depois, à tarde, apresentávamos o nosso espectáculo: fazíamos as nossas pecinhas e líamos os nossos poemas. Era engraçado, porque improvisávamos palcos com fardos de palha e umas madeiras em cima. À conta disto, tinha eu doze anos, ganhei uma viagem à antiga Checoslováquia. Estive um mês em Praga com grupos de crianças de vários países que estavam ligadas ao teatro e à dança.

Tive essa oportunidade e ainda mantenho amizades dessa altura, pessoas que eu conheci nessa viagem e que até hoje se mantêm em contacto comigo.

O nascimento do Teatro do Mar

Em princípios dos anos 80, pensou-se criar uma associação cultural. Era para se chamar “A Raiz”, mas nunca se chegou a concretizar. Eu era miúda, mas fui convidada para aparecer e acabei por me ligar a um grupo de pessoas que estava envolvido nesse processo, que gostava de fazer teatro. Começámos a tentar fazer alguma coisa nas instalações do antigo Centro Recreativo Sineense, na altura ainda no activo. Tínhamos todos vontade de fazer teatro mas não tínhamos ninguém especializado nessa orientação.

Precisamente nessa altura, em que já tínhamos um grupo organizado, chega a Sines o Vladimiro Franklin. Ele vem com um trajecto de vinte e tal anos de teatro, de cinema, como encenador, como actor, como figurinista, como cenógrafo, um homem de muitas valências e de múltiplos talentos. A Eugénia Amador, na altura vereadora da Cultura, fala-lhe deste projecto e é aí que ele aparece. Nós estávamos a ensaiar a “Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente. Ele pega precisamente nesse texto e faz uma distribuição diferente dos papéis. Eu ia fazer uma alcoviteira e ele acaba por me dar o papel de Inês Pereira. É assim que começo a fazer teatro.

A primeira coisa que fizemos foi um recital de poesia, no Dia Internacional da Mulher, dia 8 de Março de 1986, na antiga sala de sessões da Câmara. Foi a nossa estreia ao público com o nome que temos hoje. Lembro-me que não tínhamos nada. O guarda-roupa foi todo improvisado por nós e os projectores eram lâmpadas com cartão em volta que forrávamos por dentro com prata para que a luz pudesse ter alguma direcção. Os nossos equipamentos técnicos eram um velho leitor de cassetes e estes projectores de cartão que suspendíamos da parede. Fizemos esse recital no dia 8 e depois voltámos à “Farsa de Inês Pereira”, de modo a terminar o espectáculo e a estreá-lo.

O mais engraçado é que o espectáculo conseguiu estar cerca de três meses em cena, todos os fins-de-semana. Tínhamos sempre público, numa altura em que Sines tinha menos gente.

O Vladimiro manteve-se por cá algum tempo e depois teve um convite para ir para o Teatro de Portalegre trabalhar. Nesta fase, há uma paragem no trabalho do Teatro do Mar.

De actriz a encenadora

Nas últimas coisas que tínhamos feito eu já fazia assistência de encenação, já era uma interessada pela criação do espectáculo. Aos poucos fui-me desviando da minha actividade como actriz e tenho a certeza que o teatro em Portugal não perdeu nada com isso.

Rapidamente comeci a ver o espectáculo e não a ver-me no espectáculo e isso fazia toda a diferença. Passado um ano e meio, dois anos, da partida do Vladimiro resolvi convidar um grupo de pessoas e reactivar aquele projecto. É assim que me estreio, no final dos anos 80, com uma coisa escrita por mim, “Imagens à Solta”. Era o texto com que tinha ganho uma menção honrosa no primeiro concurso do Clube Português



“A Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente (1986)

de Artes e Ideias, em Lisboa. Fiz na altura um recital com esse texto, que era prosa poética, no Teatro Nacional D. Maria II, onde estiveram os três premiados e duas menções honrosas.

“O Tempo da Lenda das Amendoeiras”, do Ary dos Santos, foi um projecto ainda começado pelo Vladimiro, mas nunca acabado. Voltei a pegar nesse texto e a encená-lo e estreámo-lo na Capela da Misericórdia. Fizemos todos os ensaios para esse trabalho numa capela que começou em ruínas e que depois esteve sempre em obras até à nossa estreia. Nunca chegámos a estreiar com a capela concluída, mas vivemos muito o espaço da capela em ruínas, que me agradava particularmente e que podíamos utilizar de uma forma mais livre. Havia buracos no telhado, fazia frio, mas era um espaço mágico, muito inspirador. E fizemos lá a “Lenda”. Talvez tenha sido o verdadeiro arranque para esta segunda fase do Teatro do Mar, já com a minha direcção.

A rua como palco

Nunca tivemos um espaço nosso, onde pudéssemos desenvolver a nossa actividade e que tivesse dignidade para o público que vem assistir. O armazém a que chamávamos Teatro Oficina era extremamente quente no Verão, extremamente frio e chuvoso no Inverno. Era muito difícil receber o público ali. Era um tempo em que ainda não havia a rede de teatros municipais, existiam velhos salões de festas, quando existiam. Cheguei a fazer espectáculos em salas de aulas ou cantinas de escolas primárias, que eram espaços muito pequenos para receber o nosso trabalho. Estou a falar ainda de um primeiro circuito que fazíamos, que era muito regional.

Foi a ausência de auditórios e uma vontade de comunicar com mais público e em mais sítios que nos levou a começar a pensar os espectáculos para espaços exteriores. O Verão era quando trabalhávamos mais e o Verão também era apelativo para fazer coisas ao ar livre. Houve também uma vontade de democratizar o nosso trabalho e permitir um maior acesso das pessoas a ele. Esse objectivo profissional e social acabou por se tornar um objectivo artístico e fomos apurando uma linguagem vocacionada para a rua.

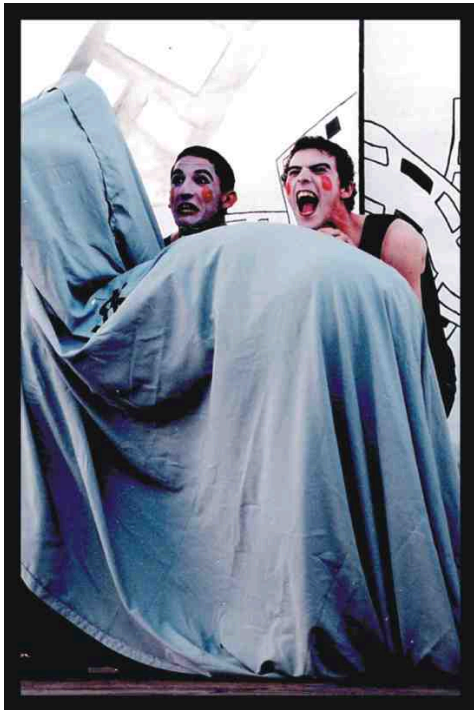
No início, ainda fazíamos teatro na rua,

que é um conceito completamente diferente de teatro de rua. Foi com base na nossa experiência, reflexão e trabalho que evoluímos para a linguagem que temos hoje, que acabou por se afastar do texto e por ser actualmente uma linguagem pluridisciplinar, mais física, mais visual, e com um carácter universal que veio aos poucos a abrir-nos as portas para a Europa.

Porque a rua não se compadece muito com a palavra, o texto começou a tornar-se irrelevante e muito mais relevante aquilo que queríamos dizer e como é que o corpo o poderia fazer.

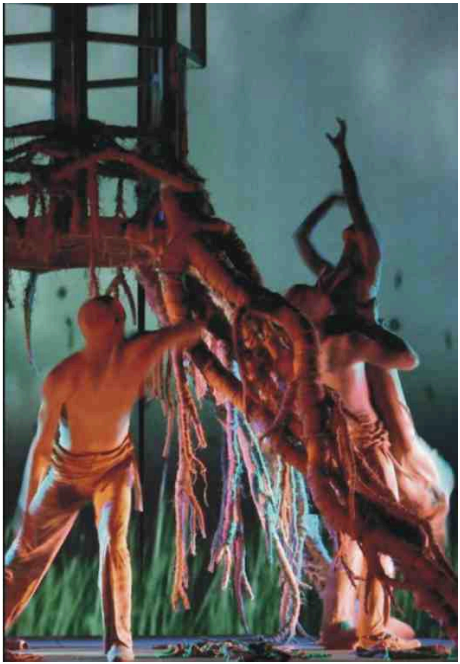
A internacionalização

O primeiro convite a sério para sair de Portugal foi com o espectáculo “Daimonion”. É aí que temos o nosso grande lançamento a nível europeu e logo com uma terapia de choque: uma tournée de dois meses e meio seguidos, sem regresso a casa. É a Alemanha que se interessa, porque era inspirado no “Fausto” de Goethe e eles acharam curioso como é que uma companhia portuguesa fazia, sem texto, um espectáculo com base numa obra literária tão importante. Passámos praticamente por todos os festivais internacionais de teatro de rua e de grande relevância na Alemanha, com milhares e



“O Elefante” (1997-1998)

milhares de espectadores. Claro que tínhamos muita vontade de viajar. Era uma coisa que nos estava no sangue e quanto mais viajávamos mais vontade tínhamos de viajar. Costumo dizer, a título de brincadeira, que herdámos este espírito viajante do Vasco da Gama, mas penso que a relação tem a ver também com o facto de sermos oriundos de uma terra de mar e de haver essa abertura para o horizonte e essa vontade de ir mais longe. Também acho que



“Solum” (2010)

o facto de termos nascido e desenvolvido um projecto num sítio pequeno não significa que tenhamos de pensar pequeno.

Al Berto e Maria Teresa Palmela: duas referências

Estive durante muitos anos no Centro Cultural Emmerico Nunes como animadora cultural a trabalhar na equipa do Al Berto. Foi uma grande escola para toda a gente que lá esteve. Éramos um bocadinho aquilo que o Teatro do Mar é hoje, um grupo de trabalho mas também uma família. Tínhamos de fazer de tudo um pouco e isso deu-nos uma aprendizagem sobre imensas matérias. Marcou-me muito o facto de ter tido como chefe o Al Berto, que era uma pessoa muitíssimo rigorosa e que nos obrigava a fazer a mesma tarefa 20 vezes até ela ficar perfeita. O Al Berto estava constantemente a colocar-nos desafios.

A primeira vez que vi o Al Berto era eu criança. O meu pai era amigo dele desde sempre e eu lembro-me de ir ao café com o meu pai e de ver um homem de cabelo comprido, com umas orelhas grandes cheias de brincos. E não se via gente com brincos, nem muitos homens de cabelo comprido. Lembro-me perfeitamente da livraria que ele tinha, a “Tanto Mar”, que ficava na Rua Cândido dos Reis. Entrava não só porque me interessava ver as capas dos livros, mas também porque me despertava uma certa curiosidade aquela figura que lá estava e que se metia sempre comigo. E o Al Berto tinha uns amigos estranhos, diferentes, que vinham e estavam alguns períodos em



“Daimonion” (2009)

Sines.

Embora venha de um mundo diferente e mais tradicional, a Maria Teresa Palmela é uma pessoa de uma sensibilidade muito grande. Eu nunca senti em pessoas como a D. Teresa qualquer espécie de preconceito ao que se fazia de novo. Muito pelo contrário, ao longo da minha vida toda, e sobretudo da minha trajectória de teatro, ela sempre me incentivou muito e sempre me manifesta, cada vez que se cruza comigo na rua, muita curiosidade sobre o trabalho que nós fazemos e o facto de viajarmos.

Conta-me as suas histórias, porque ela também viajava, também fazia espectáculos noutros sítios.

Sempre me senti muito acarinhada, pela D. Teresa e por algumas pessoas à sua volta, como as pessoas que estavam ligadas à banda filarmónica. Penso que o facto das pessoas estarem ligadas a actividades artísticas fá-las desenvolver uma sensibilidade especial.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira em 20 de Abril de 2011

“Gente do Mar”: Opereta de Costumes Regionais (Excerto)

Texto de Alberto Oliveira



Alberto Marques, no papel de “Tio Luís, O Velho Marítimo”, e coro, em produção da opereta “Gente do Mar” (meados do século XX)

(...) “Tudo se transformou. E aí vou penando, vendo tudo mudar: vendo ir tudo acabando. Mas a luta feroz, do homem com o mar, essa não acabou, e nem pode acabar. Que se mudem os barcos, e que se mude a arte, a luta há-de durar aqui e em toda a parte. Hoje nada é assim. Hoje tudo é diferente. No meu tempo era a pesca feita pela armação que resistia impávida, ao violento cachão. E quando vinha o peixe, que

grande era a alegria que entrava de repente na alma do vigia. Acendia o archote, e fazia o sinal, até que lá de longe visse uma luz igual; e como por magia dessa luz pequena, sentia-se na terra, como um sopro que anima, o grito do calhau numa cadência triste: leva arriba, que a armação fechou. Ouviste? E o pobre pescador, feliz e satisfeito, deixava com prazer o conchego do leito pra ir por sobre as águas na noite

escura e fria, numa luta sem tréguas, ganhar para de dia. Era assim no meu tempo. Agora continua mais difícil, mais brutal e mais crua: e sempre assim será, durante a vida inteira, quer seja uma armação, um cerco ou uma traineira. O peixe já escasseia: e pró achar talvez, precisam percorrer o mar de lés a lés, a arrastar as redes, nesse processo novo, da Baía ao ladouro, do cabo a Porto Covo. Mas o mar, numa fúria, às vezes bem

o vedes, num momento cruel, despedaça-lhes as redes. Outras vezes as rochas, e até a própria lua lhe tira o ganha-pão. E a luta continua. E sempre assim será. Sempre há de continuar, este duelo feroz do homem contra o mar.”

Arquivo Histórico Municipal Arnaldo da Soledade. Doação de herdeiros de Alberto Marques.

Para uma história do Teatro Amador de Sines

António Amaral da Silva (texto adaptado)

CARLOS SEIXAS



António Amaral da Silva e M.ª Teresa Palmela (início séc. XXI)

Por volta dos anos 29/30, com a minha entrada na escola, comecei a aperceber-me de que existia um grupo de teatro que exibia esporadicamente as suas récitas na Sociedade da Caninha (Largo do Areeiro). Lembro-me de fazerem parte, entre outros, pessoas das famílias Guisado Espada, Granes Forgas e outros que não me lembro e, mais recentemente, por volta dos anos 33/34, pessoas da família Simões Raposo, um secretário das Finanças que aqui se radicou, entre outras pessoas que actuavam no dito grupo.

A partir de 1940, é formado o grupo cénico do Sport Lisboa e Sines, que tinha a sua sede onde é hoje a estação dos Correios [na antiga igreja de Santa Isabel]. Este grupo começou por ter como ensaiador o

Sr. Joaquim d’ Oliveira nas declamações e seu filho Alberto d’ Oliveira na parte musical, coadjuvados por D. Patrocínia Galope R. Delicado (professora), Esrael dos Reis Delicado, seu marido, Alberto Santos, Daniel Santos, Daniel Gomes, António José Guerreiro e Querino Lourinho.

Depois de alguns meses de ensaios, no dia 28 de Janeiro de 1941 pelas 20.30, no Cine Teatro Vasco da Gama é representada a comédia em 1 acto “Maldita Exposição”, da qual fizeram parte João Maria Roupá, José Vilhena Leitão, Alberto Marques, Maria das Salas Bica e Maria Teresa Palmela. Na segunda parte a comédia em 1 acto “A Casa de Babel”, de que fizeram parte António Amaral da Silva, Luís Carlos Correia, Miguel Serra Roupá, Sebastião Cordeiro Palmela, Jacinto Zurego e Laura Pereira. A terceira parte de variedades, composta por “Borboletas d’ Oiro”. (...) Em fim de festa a opereta de

costumes regionais original de Alberto d’Oliveira de que fizeram parte João Maria Roupá, Benjamim Varandas, Olívia Alves, Laurinda Maria Freire, Maria Rita T. Morais, Maria José dos Santos, Carolina dos Santos e todo o pessoal já descrito, que fizeram parte dos bailados. O guarda-roupa era da casa Alberto Anahory, cenários de Rogério Machado, encenação de Esrael dos Reis Delicado, contra-regra Valentim Virgínio dos Santos, ponto António Maria Graça. Assim foi lançada a pedra base para o teatro vingar em Sines, pois como o Sport Lisboa e Sines tinha o seu grupo cénico, era de esperar que o Clube de Futebol Os Sineenses viesse também a formar o seu, o que veio a acontecer, mas por pouco tempo.

O espectáculo foi exibido duas ou três vezes, até ensaiarmos outro.

Em 13 de Maio de 1941, também no Cine Teatro Vasco da Gama, levámos à cena uma récita a favor do Hospital de Sines, com a primeira parte preenchida pela comédia em 2 actos “Não é o Mel” (...). A segunda parte, como era actual na época, foi preenchida com um acto de variedades; neste espectáculo já entrou gente nova (...); as representações foram-se sucedendo com geral agrado dos amadores e das pessoas que assistiram aos espectáculos. Quando assim é, quem anda nisto entusiasma-se, vai representando e ensaiando novas peças. Por isso, a 26 de Março de 1942 é posto em cena, ainda no Cine Teatro Vasco da Gama, novo espectáculo com a comédia em 1 acto que se intitulava “Guerra aos Nunes” (...) na segunda parte a Opereta em 1 acto “A Flor da Aldeia” (...) e como não podia deixar de ser a terceira parte foi preenchida com um acto de variedades. Voltou a entrar gente nova para reforçar o elenco já existente. (...)

Em 6 de Janeiro de 1944, o Amaral está nos Açores a cum-

prir serviço militar, é ensaiada uma récita a favor da Casa dos Pescadores de Sines, com a comédia “Almas do Outro Mundo”, e um belo acto de variedades, que se intitulava “Nove Num - Selecção de Operetas” (...)

A 6 de Agosto de 1946, o grupo cénico do Sport Lisboa e Sines, na esplanada do Sanatório Pratz, apresenta a revista em 2 actos “Para a Frente Para Vencer”, cujo produto iria reverter a favor da Casa dos Pescadores de Sines e do Sport Lisboa e Sines (...)

Será escusado dizer que o teatro vai seguindo na sua marcha e como é natural



Uma das primeiras produções do Grupo Cénico do Sport Lisboa e Sines

vão saindo uns, entrando outros. Algumas vezes é o casamento que afasta as pessoas do teatro, mas outros há que nem o casamento os afasta.

A partir de 1949, o Grupo Cénico do Sport Lisboa e Sines opta por seguir uma nova modalidade de espectáculos, como deve estar a lembrar muita gente os belos momentos passados na nossa sede com o “Rebola a Bola”, “Escrava e o Sultão”; cenas de comédia, outros números populares e de fantasia, monólogos, fados e canções. Tudo isto levou cerca de 6 anos e nos intervalos introduziam bailes que foram um sucesso como sejam: “O Avental de Chita”, “Castanha Assada” e “Micareme”. Com estes espectáculos visitámos Santiago do Cacém e Ermidas.

Em 1956 voltámos novamente a ensaiar e em 22 e 23 de Agosto levámos à cena no palco da Esplanada Alentejana a revista intitulada “Disto é que eu Gosto”. (...)

A partir de 22 de Janeiro de 1965 o teatro parou até 1974 visto ter falecido o filho do casal Maria Teresa e Amaral e ninguém tomou as suas directrizes. Só depois do 25 de Abril voltou a aparecer alguém interessado em fazer teatro.

Com o 25 de Abril, o povo alegrou-se porque novas perspectivas se abriam e assim um grupo de jovens deitou mãos à obra e em pouco tempo levou à cena uma peça por eles organizada. O Amaral foi convidado a dar a sua ajuda, apareceu e representou um quadro por ele próprio organizado. O bicho teatral então adormecido pelo tempo que esteve parado ressuscitou, começou a falar à mulher no teatro e tempos depois regressaram, cerca de 1976. A partir daí começaram a organizar as coisas, perguntando peças, ensaiando e daí o Teatro Amador de Sines, que substituiu o Grupo Cénico do Sport Lisboa e Sines que acabou na altura em que acabaram ou dois grupos de futebol

existentes, para dar vida ao actual Vasco da Gama Atlético Clube.

A partir desta altura, é praticamente conhecida a actividade do Teatro Amador de Sines mas é bom que se escreva, para que a história do teatro em Sines não venha a passar amanhã, ou mais tarde, para algum grupo de oportunistas: A César do que é de César.

Como já disse atrás, o 25 de Abril foi a rampa de lançamento para o teatro voltar à sua actividade.

Actividade essa que é hoje [1987], apesar

de tudo, orgulho daqueles que, em boa hora, se dedicaram a tão nobre arte e à não menos gloriosa missão de praticar o bem sem olhar a quem.

O Teatro Amador de Sines apresentou em estreia a revista intitulada “Oh Zé, Aguenta...”

Esta peça veio de Setúbal e foi adaptada a Sines e foram-lhe introduzidos alguns números escritos por Alberto Marques, António Amaral da Silva e José Manuel Viana da Silva.

Depois de cerca de 10 anos de paragem, a estreia foi um êxito (...) a parte musical esteve a cargo de elementos da Banda União Recreio Sport Sineense e do grupo África Show, bailados ensaiados por Maria Teresa Palmela e a declamação por António Amaral da Silva.



Produção “Sines Tem Revista” (anos 80)



Programa de teatro (1939)